

Pessoa em 1912 ou o Saudosismo do Avesso

Fernando Cabral Martins

Universidade Nova de Lisboa

Resumo: A pré-criação dos heterónimos segue um percurso em que as conexões com a Modernidade inglesa são capitais, e a que o diálogo com a poesia de Sá-Carneiro dá o último impulso. O seu directo contexto são certas discussões filológicas (por exemplo, o problema de Shakespeare), a pulsão formalista e a explosão performativa da Vanguarda. A relação com o Saudosismo é o seu mais claro contraste, oferecendo uma zona de contacto decisiva em 1912.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Modernismo, Saudosismo, Vanguarda

Abstract: The process of the creation of Pessoa's heteronyms follows a path on which the connections with English modernity prove to be crucial, and to which the exchanges with the poetry of Sá-Carneiro provide the ultimate impulse. Its immediate context involves certain philological debates (for example, the problem of Shakespeare), the formalist drive, and the performative boom of the avant-garde. The relationship with "Saudosismo" amounts to its most striking contrast, offering a decisive contact area in 1912.

Keywords: Fernando Pessoa, Modernism, *Saudosismo*, Avant-garde

A primeira publicação de Fernando Pessoa adulto são ensaios sobre *A Nova Poesia Portuguesa*, tem lugar numa revista, *A Águia*, que é o órgão nacional do Saudosismo e da Renascença, e ocorre num ano, 1912, de grande efervescência no contexto da Vanguarda europeia. Ora, todos estes dados parecem reunidos por um desígnio claro e definido.

O tempo de antíteses e paradoxos a que, por necessidade ou por hábito, chamamos *Modernismo* tem na revista portuense *A Águia* o seu campo mais rico de manifestação antes da

lisboeta *Orpheu*. Mesmo que isso pareça inesperado, a verdade é que n'A *Águia* se podem encontrar algumas características próximas daquilo a que se chama Vanguarda, e que iluminam até a própria doutrinação estética e filosófica do seu director Teixeira de Pascoaes: por exemplo, a liminar recusa da autonomia da arte, a valorização do novo, e o regresso à origem enquanto a fonte, ao mesmo tempo, do originário e do original. A *Águia* inclui também a própria forma do manifesto – de que são exemplos os artigos de Pessoa sobre a «Nova Poesia Portuguesa» – mas também os sucessivos artigos de Pascoaes sobre a saudade e a cultura, sobretudo nos três primeiros anos da revista. A polémica que é desencadeada pelos artigos de Fernando Pessoa tem a ver com a intensidade militante de que a revista é o palco, tornando-se uma longa polémica nacional que é recolhida pelo «Inquérito Literário» de Boavida Portugal no diário *República* no final do mesmo ano de 1912.

A própria proliferação dos ismos corresponde a um processo que a Vanguarda marca com uma característica sistemática, e, deste modo, pode considerar-se que movimentos que pareceriam voltados à partida para uma revalidação do fundo tradicional, como o Saudosismo, entram também na órbita da Vanguarda. Na verdade, o Saudosismo é um movimento de regresso à origem – a alma portuguesa renascida – que contém um elemento de desmesura em tudo afim da Vanguarda.

Há um lado de interpelação da consciência e de provocação do gosto do público que pode tornar possível que numa revista saudosista se encontrem artigos como os de Fernando Pessoa, que não se servem de nenhuma comum medida do senso comum.

No entanto, para João Gaspar Simões, como se sabe, qualquer ligação ao Saudosismo por parte de Fernando Pessoa é um equívoco. E tem sido esta a leitura dominante na crítica portuguesa. Por outro lado, é também do senso crítico comum que a profecia do supra-Camões que se lê nesses artigos constitui uma espécie de prelúdio à irresistível ascensão de *Orpheu*, bem como um anúncio da própria progressiva afirmação de Fernando Pessoa. Por exemplo, Óscar Lopes, em *Cifras do Tempo*, escreve que os artigos de 1912 são desconcertantes pela “hiperbólica e *fingida* exaltação dos saudosistas” (1990: 131-132). E pode concluir que estes

artigos de Fernando Pessoa se traduzem, mais ou menos conscientemente, “numa imensa confiança quanto às suas próprias e inexplicáveis faculdades poéticas” (*ibidem*).

Há, por outro lado, duas leituras marcantes destes artigos – ambas de 1980. Uma é a de Joel Serrão, no prefácio à sua edição intitulada *Da República*, em que a profecia do supra-Camões é definida como uma “aspiração-arquétipo” de Fernando Pessoa que é associável directamente a “sucessivos avatares”: Pimenta de Castro, Sidónio Pais, Gomes da Costa, Salazar (Serrão 1980: 24). Ou melhor, o supra-Camões poderia ser associado a qualquer coisa como um supra-heterónimo, que incluiria o autor dos artigos sidonistas publicados na revista *Acção*, e ainda o autor do panfleto intitulado *Interregno*, bem como o poeta da *Mensagem*. Ou seja, esta leitura de Joel Serrão lê nesses artigos a dimensão política que a profecia de 1912 teria, ou a sua proposta de programa para um nacionalismo militante.

A outra leitura é a de Ángel Crespo, num volume de celebração do quarto centenário de Camões, em que afirma que a profecia do supra-Camões (traduzo) “foi determinante tanto para o lançamento da revista *Orpheu* e da sua estética sensacionista, (...) como para a necessária concepção dos heterónimos e do seu paganismo” (Crespo 1980: 128), chegando no final a uma conclusão idêntica à de Joel Serrão, ou seja, que o livro *Mensagem* vai fechar um círculo perfeito ao reencontrar e realizar, no final sua obra, o supra-Camões que inventara quando jovem.

Estas duas leituras parecem acertadas, embora muito diferentes entre si. A heteronimização, que marca a escrita de Fernando Pessoa desde as suas primeiríssimas tentativas poéticas, prolonga-se de modo coerente nesses dois entendimentos da obra fragmentária de Fernando Pessoa. O facto, por exemplo, de a *Mensagem* – como uma espécie de heteronimização política – já existir como projecto antes de 1910, manifesta de forma clara que toda a preocupação com a relação entre a poesia e a alma colectiva é efectiva, sendo por esse viés que o acordo com a Renascença Portuguesa se estabelece melhor.

Entretanto, Vítor Aguiar e Silva, num artigo de 1996, valoriza nos artigos de *A Águia* uma reiteração de expressões como *nova poesia, novíssima poesia, novíssimos poetas*. E sublinha até uma expressão em que a pertença de Fernando Pessoa à geração de que fala é inteiramente

assumida. Assim, já em plena polémica nacional em torno da nova geração saudosista, escreve: “Eu bem sei que o professor Adolfo Coelho *não pode sentir* a nossa poesia” (Silva 1996: 21). Ora, a possibilidade de sentir a novíssima poesia, sendo geracional, implica uma sintonização directa, quase orgânica. E significa que Fernando Pessoa assume a sua pertença à geração dos saudosistas tal como ele a define.

Embora deva dizer-se, desde já, que ele a define em termos que não são os termos de Teixeira de Pascoaes. Teixeira de Pascoaes é, aliás, e para sermos precisos, da geração anterior, sendo onze anos mais velho... De qualquer dos modos, segundo a doutrina de Teixeira de Pascoaes, é a Saudade revelada que constitui o alfa e o ómega da Renascença Portuguesa. Ora, Fernando Pessoa não fala da saudade uma única vez. Também por isso, não parecem ser da mesma geração.

Em resumo, a assunção por Fernando Pessoa da sua pertença à nova poesia portuguesa fá-lo incluir-se entre os saudosistas, mas, apesar de ter Teixeira de Pascoaes como referência, não coincide com a teorização do Saudosismo, a não ser em dois pontos fulcrais: a profecia de um futuro glorioso e a profissão de uma mitologia pagã. Mais, Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes têm em comum outro elemento essencial: a ideia de que o nacionalismo é uma paixão religiosa, e de que a religião do patriotismo português é o sebastianismo.

Neste quadro de concordância ou de consonância que pode associar sem dúvidas a pulsão crítica modernista a uma empresa que está ainda marcada pela poética simbolista, há, no entanto, e desde logo, um excesso que faz oscilar quer a ideologia quer a estética que parecem estar em jogo: e esse é um excesso tonal. Tem a ver com a própria noção de que é obscura e vaga toda a verdadeira possibilidade de fundamentar qualquer afirmação, e tem a ver com a teatralização heteronímica que assombra todos os escritos de Fernando Pessoa. E que está particularmente audível numa passagem culminante do primeiro dos artigos sobre a *Nova Poesia Portuguesa*:

Vistos estes elementos sociológicos do problema, salta aos olhos a inevitável conclusão. É ela a mais extraordinária, a mais consoladora, a mais estonteante que se pode ousar esperar. É ela de ordem a coincidir absolutamente com aquelas intuições proféticas do poeta Teixeira de Pascoaes sobre a futura

civilização lusitana, sobre o futuro glorioso que espera a Pátria Portuguesa. Tudo isso, que a fé e a intuição dos místicos deu a Teixeira de Pascoaes, vai o nosso raciocínio matematicamente confirmar.

No seu tom histriónico, composto de hipérboles e de redundâncias, o que se ouve é a inadequação – ligeira, mas nítida – entre o que parece ser dito e o modo como é dito. O tom proclamatório é um embraiador da ironia, ou então da afirmação grupal de uma fuga jubilatória ao senso comum. Num caso ou noutro, um tom de comício que torna sensível ao leitor a sua desadequação contextual. Talvez não se trate então de ironia, mas de um especificamente modernista e paródico *voltar do avesso* aquilo mesmo que cita e defende.

Não estamos propriamente preparados, nem os contemporâneos estavam, para ouvir em clave paródica o anúncio de um supra-Camões. Este *voltar do avesso* do Saudosismo é também uma desestabilização definitiva do próprio sentido do discurso crítico, tornando-o um monólogo dramático proferido num teatro estético em que as discussões programáticas do momento são postas em cena, e por esse jogo se revelam enquanto construções de ficção.

Nietzsche e o Supra-Camões

O entendimento da história de que Fernando Pessoa parte nos artigos d'*A Águia* sobre a Nova Poesia Portuguesa é marcadamente pós-nietzscheano, pois ele afirma que “a essência do universo é a contradição”. Isto é, a verdade como fundamento metafísico não existe. O niilismo como radical ausência de verdade lê-se, por exemplo, na seguinte frase: “uma afirmação é tanto mais verdadeira quanto maior contradição envolve”. Ora, se assim é, se a situação do mundo é a de que só o contraditório é verdadeiro, então, para ser possível a construção do novo, ou até para ser possível sequer pensar, torna-se necessário o surgimento do super-homem, que mais não é do que a expressão de um desejo ardente de que seja ainda possível, ou que volte a ser possível fazer sentido.

No quadro da defesa da poesia saudosista e de Teixeira de Pascoaes, aquilo que propõe Fernando Pessoa é essa imaginação do super-poeta como uma encarnação da necessidade de sair do estado de niilismo do relativismo absoluto. O aspecto messiânico, que depois será associado à própria filosofia que atravessa o Saudosismo, não é mais do que uma capa ficcional

que cobre a nudez forte do desespero niilista. E o facto de se tratar de poesia não releva de uma observação dinâmica dos movimentos literários contemporâneos, a poesia é abordada e entendida nestes artigos de 1912 simplesmente como o modo mais poderoso de compreensão do colectivo, como se lê no terceiro dos artigos:

Tanto a filosofia do filósofo como a do poeta são questões de temperamento, mas, ao passo que o temperamento do filósofo é intelectual, o do poeta é emocional; ora, o que é intelectual é essencialmente individual, e o que é emocional é essencialmente colectivo e, portanto, quando se dá num indivíduo, representativo da colectividade a que ele pertence.

É, pois, da poesia como filosofia que se trata. Da poesia como ciência do colectivo, da poesia como modelo emocional que corresponde a, e revela a *alma da raça*. Em suma, Fernando Pessoa faz apelo a uma noção de poesia como modo rigoroso de conhecimento. E é a partir do conhecimento assim obtido que se torna possível anunciar um supremo intérprete da colectividade – que será, também, um supremo criador de sentidos novos. Aquele que será capaz de criar a “nova fórmula social”, os novos valores, o novo quadro em que a transformação possa ocorrer.

Como já referi, tem-se dito com frequência que o anúncio por Fernando Pessoa de um supra-Camões corresponde certamente a uma primeira tomada de consciência de si mesmo como grande poeta futuro. Esta leitura é induzida pelo facto de esse anúncio do poeta supremo ter lugar no primeiro momento de publicação de Fernando Pessoa. Primeira publicação em prosa, que antecede de dois anos a primeira publicação em verso. Isto é, o contexto pragmático, a circunstância material do anúncio de um grande poeta futuro no preciso momento em que esse grande poeta futuro publica pela primeira vez é o que explica a noção irresistível de que Fernando Pessoa fala de si mesmo, e não de um outro. Trata-se aqui da aplicação irresistível do mais importante dos mecanismos narrativos: *post hoc ergo propter hoc*. E, no entanto, não será bem assim, não poderá ter sido bem assim, pois há nesse anúncio da figura do supra-Camões alguma coisa de colectivo, e não de individual, e não de auto-centrado.

Pode igualmente dizer-se que a revista *Orpheu*, que será publicada em Março de 1915, oferece a exemplificação perfeita dessa figura hiperbólica de novo poeta com o aparecimento tonitruante de Álvaro de Campos, e até se pode pensar que a *Ode Marítima* é a mais impressionante das respostas possíveis a *Os Lusíadas* em termos da aventura marítima moderna e do canto épico do heroísmo. E, assim, podia concluir-se que seria Fernando Pessoa *enquanto Álvaro de Campos* o modelo exacto do supra-Camões profetizado três anos antes. Mas a circunstância da profecia do supra-Camões destina-se a oferecer uma resposta ao niilismo e à crise dos valores, crise que se mistura com a crise do sujeito e com a crise da representação.

A ideia do supra-Camões por vir aparece no seio de um terramoto de revoluções e de transgressões que é alimentado pela vontade imparável de descoberta, e essa imagem redentora vem banhada por uma energia à solta que varre todos os quadrantes da arte e da ciência.

O certo é que, pouco mais de um ano depois, Fernando Pessoa cria Alberto Caeiro. E que Alberto Caeiro seja *o Mestre* quer dizer apenas isto, afinal: qualquer que seja a dimensão da sua humildade ou do seu minimalismo, ele é o poeta supremo que esperava, ele é o obreiro sublime capaz de forjar novos valores, é nele que assentará uma nova ideia do mundo – numa dimensão que, se não é estritamente filosófica, não prescinde do rigor do pensamento filosófico.

E aqui se reencontram o jogo e a ilusão: o supra-Camões, afinal, pode ser que seja apenas uma figura imaginária, um heterónimo, uma metáfora: um *Guardador de Rebanhos* que é o Mestre que indica o sentido. Mais uma vez, citando o 3.º artigo sobre a Nova Poesia Portuguesa: “A suprema verdade que se pode dizer de uma coisa é que ela é e não é ao mesmo tempo”.

Forma e Construção

É igualmente neste ano de 1912 que a carta sobre a génese dos heterónimos situa os primeiros gestos de construção de um poeta “de índole pagã”. Esse poeta esboçado em 1912 é o figurino de Ricardo Reis, como se sabe. É curioso perceber como essa inspiração pagã, embora tendo precursores ingleses e coincida com o movimento neo-clássico francês e as sequelas de

Jean Moréas, tem a ver directamente com a convulsão iconológica de Teixeira de Pascoaes, com a sua proposta de um panteão nacional que incluía muitos deuses, criando uma espécie de olimpo cristão, numa síntese delirante que foi, apesar disso, historicamente possível, e, para muitos, até plausível.

De resto, é esta ideia de síntese (*sub specie* do “transcendentalismo panteísta”) presente na descrição feita por Fernando Pessoa da Nova Poesia Portuguesa que melhor estabelece a ligação com a teoria futura do Sensacionismo. Assim, em 1914 ou 1915, no texto que define essa teoria como «a atitude estética em todo o seu esplendor pagão», é estabelecida uma correspondência entre a teosofia e o Sensacionismo, por serem formas contemporâneas de compreensão que incluem, a primeira, todas as religiões, e a segunda, todos os movimentos estéticos.

Numa carta a *O Heraldo* de 1916, Fernando Pessoa define o Sensacionismo como a escola literária culminante que procura “realizar o ideal de todos os tempos” e ser “a síntese viva das épocas passadas todas”.

No entanto, e apesar da força das suas relações, um texto escrito em meados de 1913, *O Marinheiro*, irá tornar-se o sintoma da divergência entre Fernando Pessoa e a Renascença Portuguesa. De facto, *O Marinheiro* está apenas um passo à frente de *Na Floresta do Alheamento*, que ainda é publicado n’ *A Águia* em Agosto de 1913. Mas há uma impossibilidade de comunicação que fica evidente com *O Marinheiro*. E essa incomunicabilidade tem a ver com a radicalidade da sua escrita.

Já numa carta a Jaime Cortesão de 22 de Janeiro de 1913 há uma passagem em que se pode perceber o tipo de divergência entre Fernando Pessoa e a poesia saudosista, no preciso momento em que se reafirma a sua aliança, citando a síntese entre os dois elementos – a Natureza e a alma – que a *nova poesia portuguesa* realiza: «É que há um terceiro elemento, e nesse ainda a *nossa nova poesia* é pecadora: é a construção, aquilo a que se pode chamar a organicidade de um poema». Ora, a questão colocada aqui é a do estilo, isto é, da forma. Mas *forma*, aqui, deve ser entendida como uma dinâmica, como um processo aberto, de uma

complexidade e subtileza que a escrita saudosista não suporta, porque é contrária à obsessão etno-simbólica repetitiva que a constitui.

Citando de novo Óscar Lopes, “o grande progresso de Pessoa sobre o Saudosismo reside em que a tensão Eu-Isto faz estremecer ambos os pólos: *meu ser / Tornou-se-me estranho*” (“Ao longe, ao luar”, *Athena*; Lopes 1987: 500). Quer dizer, a escrita em Fernando Pessoa (e na chamada geração de *Orpheu*) é multiplamente produtiva, transformando quer o conhecimento poético do mundo quer a consciência do sujeito que conhece.

Modernidade do Saudosismo

No entanto, e todas as distâncias mantidas, só mesmo com o Futurismo é que o Saudosismo pode ser comparado, pois ambos estão concentrados na temática do tempo, e ambos se focalizam no apelo nacionalista concreto, razão da sua metamorfose em movimentos políticos.

É essa mesma qualidade de nacionalismo militante que leva Fernando Pessoa a incluir o Saudosismo no seu esquema de explicação da proposta de *Orpheu*. Para isso, elabora a sua teoria dos três graus do nacionalismo, o primeiro tradicionalista, o segundo integral e o terceiro cosmopolita. Do primeiro, o exemplo é António Feliciano de Castilho; do segundo é Teixeira de Pascoaes; do terceiro é *Orpheu*. Mas toda a questão reside neste ponto exacto, Fernando Pessoa não hesita em considerar o Saudosismo como uma estação do percurso para *Orpheu*. Aliás, o que faz *Orpheu* é só acrescentar os elementos do cosmopolitismo a um “nacionalismo real” criado por Teixeira de Pascoaes.

Notável é a persistência do gesto crítico de 1912, o que só prova que esse gesto nada tinha do tal equívoco de que fala João Gaspar Simões. De facto, numa entrevista à *Revista Portuguesa* em 1923, Fernando Pessoa refere-se a *A Águia* em que publicara os seus primeiros artigos como a “Águia que voava”. Além disso, reafirma a sua pertença à geração da Nova Poesia Portuguesa e assume sem ambages o seu momento saudosista. Ou, se se preferir, reafirma a *modernidade* do momento saudosista. Nesta entrevista é clara a sinceridade da consideração por Fernando Pessoa da poesia saudosista como a aurora da poesia modernista

em Portugal, como a Nova Poesia Portuguesa: “Os sinais do nosso ressurgimento próximo estão patentes para os que não vêem o visível. São o caminho-de-ferro de Antero a Pascoaes e a nova linha que está quase construída”(Revista Portuguesa, n.º 23-24). Esta metáfora de sabor futurista sublinha a continuidade de uma relação textual. E o seu papel crítico, naquele contexto, é tornar explícito o reconhecimento de que a colaboração de Fernando Pessoa na *Águia* consistiu na vontade de participação consciente na construção de uma nova linguagem.

Bibliografia:

Crespo, Ángel (1980), “Fernando Pessoa, Camoens y la profecia del Supra-Camoens”, in *Homenage a Camoens (Estudios y Ensayos Hispano-Portugueses)*, Granada, Universidad de Granada.

Lopes, Óscar (1987), *Entre Fialho e Nemésio*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2.º vol.

-- (1990), *Cifras do Tempo*, Lisboa, Caminho.

Revista Portuguesa, n.º 23-24, Lisboa, 13.10.1923.

Serrão, Joel (1978), “Prefácio”, in *Da República (1910-1935)*, de Fernando Pessoa, coord. Maria Isabel Rocheta e Paula Morão, Lisboa, Ática.

Silva, Vitor Aguiar e (1996), “A constituição da categoria periodológica de *Modernismo* na literatura portuguesa”, in Abreu, L. M. (coord.), *Diagonais das Letras Portuguesas Contemporâneas, Actas do 2º Encontro de Estudos Portugueses*, Aveiro, Associação de Estudos Portugueses / Fundação João Jacinto de Magalhães.

Fernando Cabral Martins: Professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Publicou ensaios sobre literatura portuguesa, nomeadamente Cesário Verde e Mário de Sá-Carneiro, organizou antologias e preparou várias edições anotadas de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Coordenou um Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português. Publicou também livros de ficção.